



Instituto Superior Técnico da
Universidade de Lisboa

Relatório Rápido nº34
Dados de 10 de Julho de 2021

Situação dos indicadores de Risco em Portugal

Grupo de trabalho de acompanhamento da pandemia de COVID-19 em Portugal - 2021



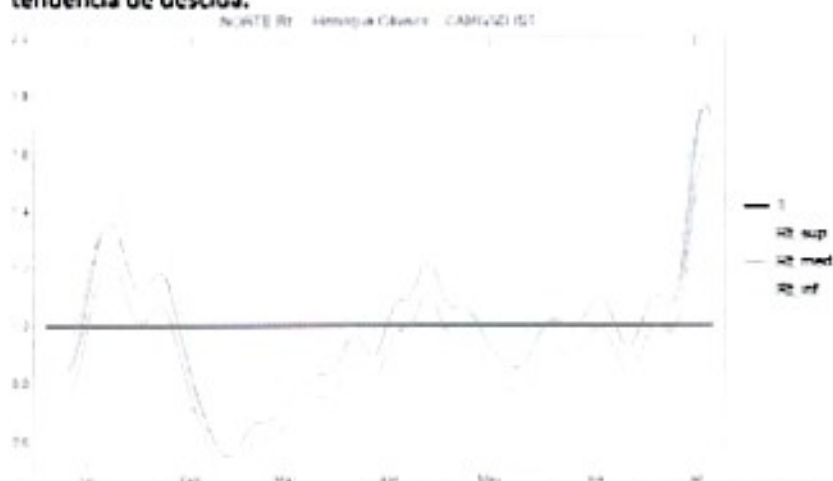
Coordenação de Rogério Colaço
Presidente do Instituto Superior Técnico

Sumário:

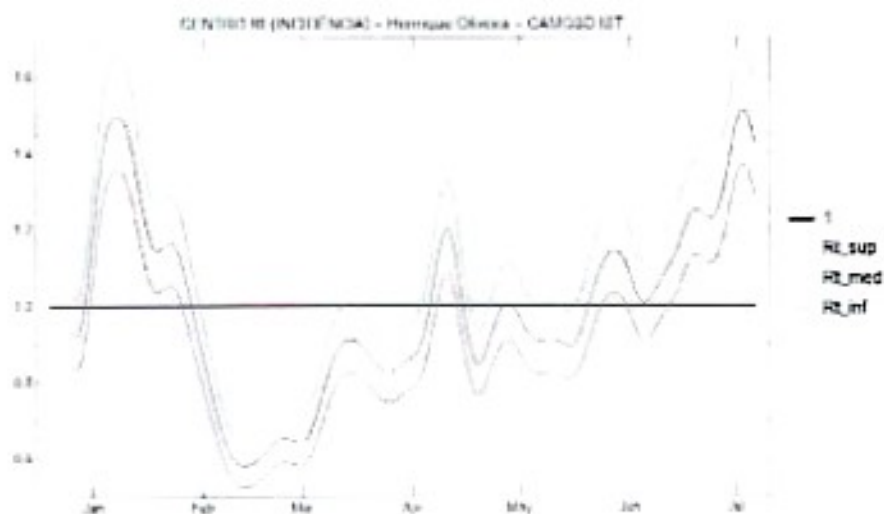
- Nota-se neste relatório um certo equilíbrio instável na situação da pandemia em Portugal. Estamos claramente num ponto em que os crescimentos elevados em Lisboa e Vale do Tejo começam a ser controlados e os crescimentos noutras regiões ainda estão a um nível preocupante.
- A Variante Delta continua a reduzir a sua aceleração de propagação em Lisboa e Vale do Tejo, mas a um ritmo lento, com um R_t próximo de 1.12 agora, o que significa que a incidência está ainda em crescimento mas em travagem do crescimento.
- O R_t recuperou validade como indicador, pois a incidência é alta. Manteve-se relativamente estável, tendo subido durante a semana anterior e depois tendo descido para 1.21, i.e., duas centésimas abaixo do último relatório o que indica que o pico dos novos casos já se encontra no horizonte, nomeadamente porque a segunda derivada da incidência nacional se encontra ligeiramente negativa apesar de existir com muita granularidade regional a baralhar as médias nacionais.
- A letalidade do grupo dos mais de 80 anos subiu de novo, de valores a rondar os 8% para valores próximos dos 10%. Existe uma ligeira subida neste indicador o que volta a confirmar preocupações sobre o real efeito da vacinação e duração do seu efeito nesta faixa etária em face da variante Delta, a par de outras hipóteses ainda por explorar, como redução no tempo da imunidade. Como a amostra dos óbitos com mais de 80 anos é reduzida, este efeito pode ter ainda alguma explicação em virtude de flutuações estatísticas, no entanto a probabilidade de ser uma flutuação estatística é menor do que 1%, o que nos leva a considerar hipóteses mais sistemáticas.
- Neste momento o objectivo será a imunização quase completa da população como afirmado por nós anteriormente.
- A taxa de variação de casos a nível nacional desceu de 6.1% de crescimento ao dia em média deslizante a sete dias (geométrica) para o valor de 4,2% de crescimento médio diário. A redução desta taxa espelha alguma desaceleração em Lisboa e Vale do Tejo, contabilizada com subidas noutras regiões. Estando ainda neste valor elevado, continua a merecer observação muito rigorosa dos números da pandemia.
- A média diária de óbitos subiu nos dias entre os relatórios. Estamos neste momento com uma média dos últimos sete dias de 4.8 óbitos diários, antes tínhamos 3.8. A tendência de subida manteve-se e até se incrementou, continua com tendência de subida.
- A pandemia não está, ainda, neste momento, em condições de controlo, mas há sinais positivos nas reduções das taxas de crescimento que indicam que um pico se aproxima.
- Os semáforos de risco, sem a ponderação da severidade e vacinação, o primeiro desenhado pelo IST e o outro apresentado pelo Governo da República, continuam profundamente no vermelho. Com a ponderação da letalidade e internamentos a situação pode ser considerada muito menos severa, o que significa que são necessárias medidas de contenção e mitigação. A matriz de risco oficial, muito limitada e estática acentua a sua desadequação à realidade.
- A positividade dos testes a nível nacional subiu para 4.6% o que indica que não se realizou a afirmada "testagem em massa" e que a incidência real está a subir. É um valor não sustentável se se mantiver a crescer. Os anúncios oficiais repetidos nunca tiveram eco nos números reais da testagem.

Situação actual

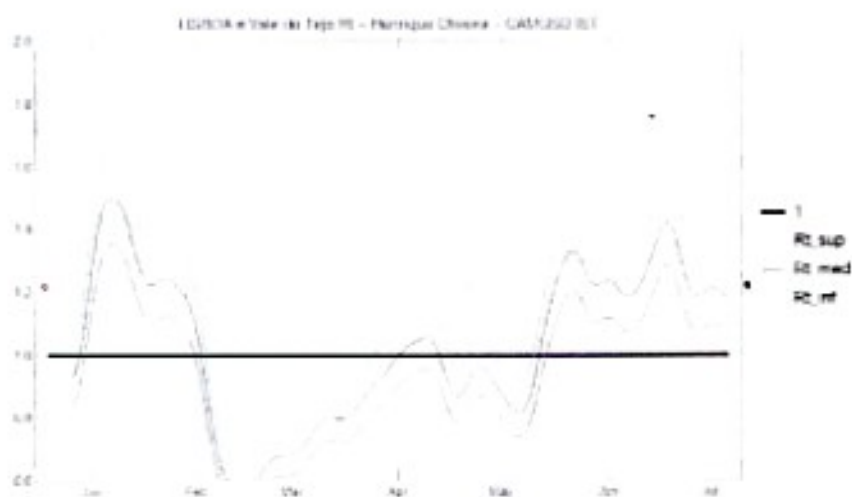
- A situação, dia 10 de Julho de 2021, tem uma subida considerável no capítulo de Indicadores integrais, como internamentos gerais passando de 431 casos para 488.
- Os doentes em UCI subiram desde o último relatório de 118 para 144. As subidas de incidência, que se dão há 48 dias, têm consequências no agravamento nos números de doentes graves.
- Os óbitos diários em média móvel a sete dias subiram de 3.8 para 5.14. Este é ainda um valor muito moderado e abaixo dos níveis médios diários das doenças respiratórias mas mostra tendência de crescimento. Estimamos que o máximo número de mortos diário esteja limitado a 20 nas próximas 4 semanas com as variáveis e variantes actuais.
- A letalidade dos mais de 80 anos subiu de 8% para 10%. Subiu desde o valor mínimo de cerca de 0,7% que se obteve em meados de Maio o que é revela o perigo da variante Delta sobre esta camada da população, maioritariamente vacinada.
- O Rt desceu de 1.23 para 1.21 no país.
- Temos por regiões o Rt:
 1. Norte, Rt com média a sete dias 1.46, subiu de 1.37, sinal de alerta.
 2. Centro, Rt com Média a sete dias 1.23, desceu.
 3. Lisboa e Vale do Tejo, Rt com média a sete dias 1.12, com descida.
 4. Alentejo, Rt com média a sete dias 1.31, subida.
 5. Algarve, Rt com média a sete dias 1.22, desceu dos níveis preocupantes anteriores mas carece de observação.
 6. Açores, Rt com média a sete dias 1,28, entrou a variante delta em força, subida acentuada.
 7. Madeira, Rt com média a sete dias 1,21. Confirmou-se o que afirmámos no relatório anterior: "subida ligeira que pode agravar-se com a variante Delta".
- No gráfico seguinte temos o Rt das regiões mais preocupantes, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Algarve, calculados pelo método desenvolvido no Instituto Superior Técnico, e que nos dá até dia 7 de Julho, em média móvel a sete dias, este indicador sem atrasos (este indicador não pode ser calculado com referência ao dia de hoje).
- Como se pode observar o crescimento do Rt no Norte está ainda muito elevado, mas com início de tendência de descida.



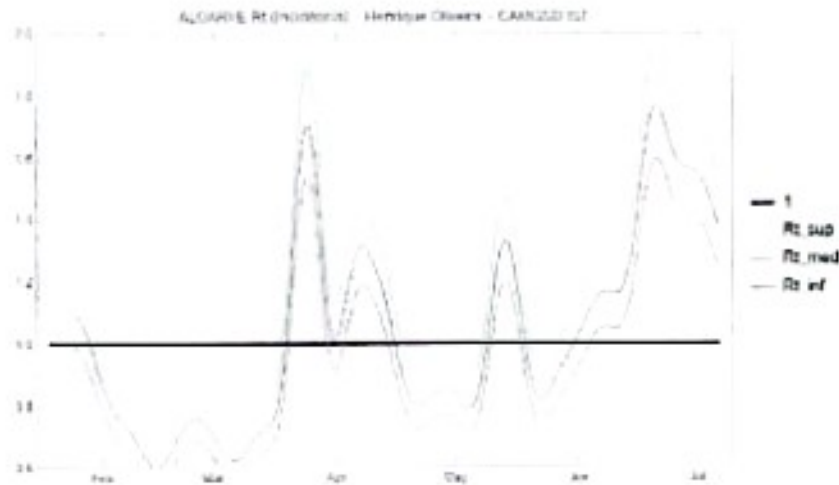
- Como se pode observar o crescimento do Rt no Centro também está elevado, mas com tendência de descida.



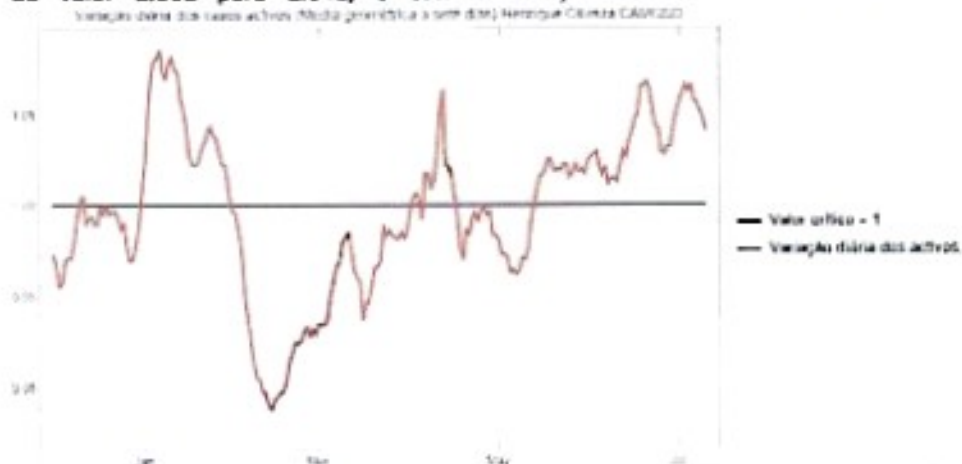
- Como se pode observar o crescimento do Rt em Lisboa e Vale do Tejo está em acentuado declínio, o que é um excelente sinal.



- Como se pode observar o Rt no Algarve tem uma queda, mas a valores ainda elevados, mais observação serão necessárias mas tudo indica que a situação anterior está a ser dominada.

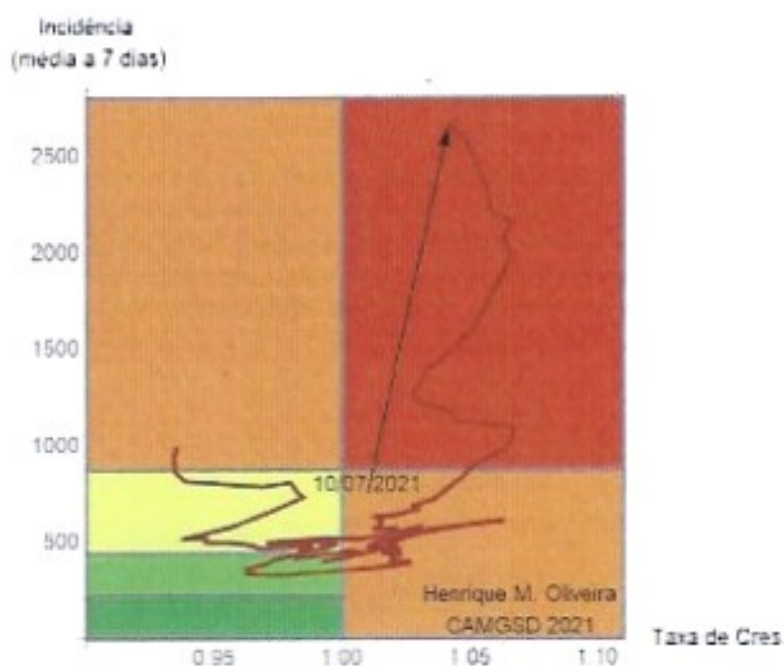


- Consideramos agora a taxa de variação diária de casos activos, i.e., a variação dos activos epidemiológicos, ou seja, casos em fase infecciosa e que têm potencial de contagiar. Este é um indicador importante pois é rápido a reagir a alterações e é conjugado ao R_t (quando sobe o R_t também sobe e vice-versa). A taxa de crescimento dos activos desceu, em média móvel a sete dias, do valor 1.061 para 1.042, e está elevada, revela um crescimento de 4.2% ao dia.

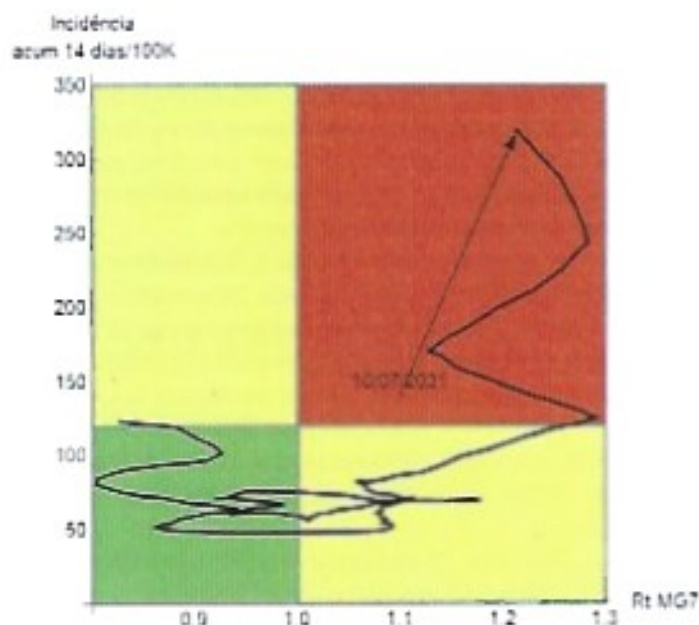


- A lista da incidência em média a sete dias dos últimos oito valores é a seguinte: 1851, 1999, 2077, 2160, 2212, 2470, 2578 e 2658, tendo subido consistentemente. Todavia a subida já não é exponencial. A inflexão da curvatura da incidência revela que o pico desta se aproxima, terá lugar no final do mês de Junho ou início de Agosto até dia 10.
- Os patamares de risco estão em:
 - O primeiro entre 875 e 439 casos por dia em média a sete dias. Estamos com 1658, i.e., no vermelho e fora da zona considerada (quando esta matriz foi desenhada) controlável e fora da capacidade de rastreio habitual do sistema.
 - O segundo entre 438 casos e 220 casos, em média a sete dias.
 - O terceiro abaixo de 219 casos por dia, (nunca atingido desde 2020).
- Correspondem a média acumulada em catorze dias por 100.000 habitantes a valores de
 - Abaixo de 120 e acima de 60.
 - Abaixo de 60 e acima de 30.
 - Abaixo de 30, nunca atingido desde 2020.

- Subimos de 211 casos para 320 e a subir dentro do vermelho, a situação é considerada ainda como epidemia fora de controlo nos indicadores governamentais, no entanto este indicador está atrasado sobre a realidade e a situação já é mais gravosa do que a de 211 casos acumulados em 14 dias por cem mil habitantes. Todavia, o risco para a saúde pública e consequentemente, para a economia, é muito menor do que o indicado pelo semáforo oficial que, estando sempre errado desde o início, está agora completamente obsoleto em termos de sistema de regras de actuação associadas ao mesmo.
- Apresentamos o semáforo rápido com estes patamares. Em abcissas temos a taxa de crescimento/decréscimo dos casos activos, e em ordenadas a incidência média diária a sete dias em Portugal. Tivemos de mudar a escala para acomodar as novas incidências.

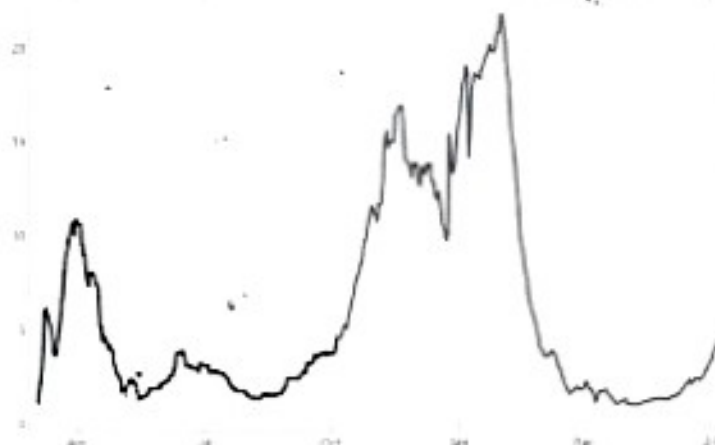


- Temos no indicador *casos acumulados em catorze dias por 100.000 habitantes* um valor de 320, um valor acima do último relatório (211) e que ultrapassa a linha vermelha traçada pelo Governo da República.
- Pode-se ver no gráfico aqui apresentado a evolução dos últimos 100 dias dentro do “semáforo” apresentado por S. Exa. o Primeiro-Ministro. Neste gráfico apresentamos agora em abcissas o R_t calculado com o método de cálculo do Instituto Superior Técnico e em ordenadas a incidência acumulada a 14 dias por 100.000 habitantes.



- A positividade dos testes sobe muito de valores próximos de 3,21% para valores da ordem dos 4,6%. Continua, e agrava-se, o falhanço em termos de testagem.

Positividade dos testes em média a nível país em 7 Portugal



Conclusão

A pressão sobre os serviços de saúde manteve-se na última semana, em valores relativamente seguros, mas em subida ligeira nas UCI agora a generalizar-se a regiões fora de Lisboa e Vale do Tejo como previsto no último relatório rápido.

Os ritmos de crescimento dos casos são muito diferentes nas várias regiões do país, mas a vacinação está a ser um travão muito eficaz da severidade da doença.

Tendo em conta a agressividade da nova variante Delta, devem ser continuadas e adoptadas medidas de mitigação em zonas de alta incidência e deve ser mantida grande atenção ao Norte e regiões autónomas.

Os "fecho" poroso da zona Metropolitana de Lisboa ao fim de semana não produziu efeitos de



mitigação na transferência da variante Delta que entrou em força em todo o país.

Repetimos: “sabendo a taxa de crescimento extremamente rápido desta variante, pois cinco casos numa região como a da ARS Norte bastam para em 33 dias mais de 80% dos contágios serem ocasionados por esta variante, para percebermos que a medida de fecho poroso da área Metropolitana de Lisboa, em períodos limitados de tempo, é uma medida não orientada pelo conhecimento científico, com efeitos negativos na credibilidade dos decisores e das autoridades de saúde.” Fica registada uma decisão irreflectida e pouco orientada por estudos científicos claros e transparentes que se desconhecem.

Os dados, e o semáforo epidemiológico do IST, sugerem que a situação é, nominalmente, menos favorável do que a apresentada no Relatório Rápido nº 33 em termos de incidência. Os aumentos do Rt fora da região de Lisboa e Vale do Tejo confirmam-se no Norte, mas há sinais de descidas futuras da incidência se a situação continuar favorável em termos de descida do Rt, ainda acima de 1 em todo o território nacional. cremos que as medidas de contenção local e os avisos das autoridades e dos especialistas nos diferentes órgãos de comunicação e ainda o fecho gradual do ano lectivo, contribuem para uma evolução favorável. Contudo, a vacinação, em excepcional ritmo esta semana, é a verdadeira razão para o início de inversão que se verifica agora. Veremos se os números futuros confirmam as tendências agora iniciadas e se novas variantes não mudam as previsões.

Mantemos a observação de vários relatórios anteriores: *«A vacinação tem sido o principal factor de alívio dos indicadores integrais (internamentos, UCI, óbitos) na sua globalidade. Neste momento será a grande arma de controlo da pandemia em face da subida da incidência que se faz sentir.»*

Como afirmado anteriormente: *«Consideramos importante continuar a monitorizar a situação devido, sobretudo, à possível introdução de novas estirpes vindas do exterior e conseqüente difusão dessas estirpes através de contágio na comunidade.»*

Repetimos:

- «Continuamos a afirmar que a doença aparenta ser menos severa do que já foi. As medidas de contenção, distanciamento social, uso de máscaras, pedagogia e comunicação, são muito importantes, mesmo para todos os que já foram vacinados, de forma a que comportamentos que potenciam contágios não se verifiquem».

Há ainda e sempre a possibilidade da introdução de novas mutações do SARS-CoV-2, sendo muito recomendável uma apertada vigilância sobre viajantes vindos de zonas mais sensíveis.